

“O bom humor ajuda a produtividade”

Tinha o sonho de andar de mochila às costas pelo mundo inteiro a fazer teatro de rua e, por causa disso, largou a universidade para viver como palhaço. Agora diz como se conquistam os sonhos. Pedro Tochas mostra o seu lado mais positivo

TEXTO SUSANA RIBEIRO FOTOGRAFIA RICARDO MEIRELES

O HUMORISTA Pedro Tochas está na estrada com o espectáculo *Já Tenho Idade para Ter Juízo*. É a sua maior digressão de sempre, de norte a sul do País. Em palco, ele motiva, puxa e incentiva o público. É o arranque para uma fase nova da sua vida artística, que engloba também palestras motivacionais em grandes empresas. Mas, afinal, é mentira: ele não ganhou juízo nenhum. E ainda bem.

Lembra-se do primeiro espectáculo que deu?

Foi em 1991, numa festa de Natal em Avelar. Fazia malabarismos com batatas e bolas. Numa festa na Sociedade

de Filarmónica, com amigos, familiares e conhecidos. Foi algo muito ingénuo e amador. Mas uma boa experiência.

E a primeira actuação na rua?

Nunca vou esquecer. Foi na Praça do Comércio, em Coimbra, levei para rua um rádio e lembro-me de que, no final, ao passar o chapéu, um pedinte me deu uma moeda de 2\$50. No total fiz 812 escudos e 50 centavos.

O que acharam os seus pais de ter deixado o curso universitário a meio?

“Sei que não vou mudar o País, que tem o culto da tristeza, mas vou tentar”

Eles querem o que todos os pais querem, ou seja, o melhor para os filhos. Acharam que eu ia sofrer, que não ia conseguir sobreviver disto e tinham medo que fosse uma mania... e que fosse passar.

Como é o seu dia-a-dia de trabalho?

Trabalho é como quem diz (*risos*). Isto é uma profissão em que, ao contrário das outras pessoas que têm horários, se está sempre a trabalhar. Tudo o que faço é material de trabalho. Passo

muito tempo no computador a responder a *e-mails*, a fazer pesquisas, a escrever espectáculos. Os ensaios mais técnicos, como o malabarismo, exigem mais

tempo. Quando estou a preparar um espectáculo sou mais produtivo. Quando o estou a fazer estou mais em introspecção, para ver o que está a resultar e o que precisa de ser mudado em cada apresentação.

Continuam a ser espectáculos experimentais ao estilo *work in progress*?

Continuam. Cada espectáculo é único. O de hoje não é certamente igual ao de amanhã e depois. Eu próprio assumo e digo que na primeira semana as cenas “são





coladas a cuspo". E há pessoal que vai só para ver como é que eu me safo das coisas que não correm tão bem. Vou sempre experimentando.

E as alterações dependem de quê?

Depende muito do público, da interacção e da energia que me der. Há noites em que a piada resulta e outras não. Isto não é uma área que é cada tiro, cada melro. Há coisas que não resultam, simplesmente. O espectáculo está sempre em progressão e, espero eu, a melhorar. O que os espectáculos ao vivo têm de bom é que são efémeros. Este é um espectáculo orgânico. E por muito que se faça as mesmas piadas, um nunca é igual ao outro. E é por isso que as pessoas vêm ver o mesmo espectáculo mais do

que uma vez.

Tem mais de sete mil pessoas inscritas na sua newsletter. Que tipo de mensagens recebe?

Passo horas e horas a responder a *e-mails*. O que mais me dizem é "com o anúncio das águas não gostava muito de si, mas agora que o vi ao vivo já gosto muito". Recebo muitas mensagens de incentivo.

Já houve gente que saiu da sala chateada com o que disse?

Sim. Mas uma coisa é certa: quem vai aos meus espectáculos conhece o meu estilo. Quem não souber e for ao engano, o máximo que pode acontecer é sair, porque interpretou mal. Mas, no universo de uma plateia, se uma pessoa sair

e não compreender o meu trabalho, devo ficar lisonjeado, porque apenas uma não compreendeu. As brincadeiras que faço são tão ridículas que dá para perceber perfeitamente que não estou a gozar ou a insultar alguém nem nada em particular. O que eu faço e digo é para trazer as pessoas para o meu mundo.

E lida bem com as críticas de pessoas que não percebem isso?

Existem duas abordagens: ou ligo muito a isso ou não ligo nada. Sigo a segunda. Num país de dez milhões, se metade gostasse do meu espectáculo era de mais! Mas eu só chego aos 0,001 por cento (*risos*) que vão ao meu espectáculo e

PERFIL
De engenheiro a palhaço

Nos Estados Unidos, Pedro Tochas estudou malabarismo e comédia física no Celebration Barn Theater. Em Inglaterra aprendeu mais sobre teatro físico na Circomedia – Academy of Circus Arts and Physical Theatre. Uma bolsa da Fundação Gulbenkian fez com que conseguisse voltar a Inglaterra para fazer especialização. Não tivesse Pedro Nuno Simões Lopes dos Santos passado pela Orxestra Pictagórica e o seu nome profissional seria certamente diferente de Pedro Tochas, porque "fazia alguns números com fogo, daí o nome Tochas". Natural de Avelar, Pedro conta agora com 36 anos. Queria ser engenheiro mas a vida trocou-lhe as voltas. Estudou Engenharia Química e Gestão, mas foi o trabalho de rua que falou mais alto. No seu currículo artístico mostra formação e treino em teatro físico, teatro de rua, comédia física, palhaço teatral, malabarismo, novo circo, manipulação de objectos, mímica, esculturas com balões, dança burlesca, *devising theatre*, movimento e trapézio. Começou como malabarista, pelo palco do teatro académico e cedo ouviu o chamamento da rua. *O Palhaço Escultor*, que começou a ser exibido em 1995, e a organização de encontros de teatro de rua lançaram-no no mundo que sempre tinha sonhado: andar de mochila às costas a viajar pelo mundo inteiro. Em Portugal é conhecido pelos espectáculos onde tem um público fiel, que esgota as salas. O grande público ainda o associa à publicidade que fez às águas Frize, na televisão.



gostam. Não estou aqui para agradar a todos. Há coisas de que eu gosto e coisas de que não gosto, como toda a gente.

Lembra-se de alguma situação dessas?

Há uma que me fez pensar: “Eu e a minha grande boca...” Tinha acabado um espectáculo de rua com *O Palhaço Escultor*, na Noruega, e fui comer a um sítio onde um dos empregados disse: “Grande espectáculo!” Perguntei: “Se eu equilibrar a ementa com o nariz fazem-me um desconto?” – eles disseram que sim. Eu equilibrei, eles bateram palmas e disseram: “Você devia era fazer espectáculos na nossa terra, na Palestina.” E eu: “Mas se eu faço um truque com o balão e ele rebenta, deitam-se logo todos ao chão”... Eles olharam com um ar muito sério para mim e vi que já não havia desconto para ninguém (*risos*).

Nunca faz piadas políticas...

Não é uma área que me interesse particularmente. Acho mais graça ao comportamento humano. Gosto de falar de coisas que não perdem a validade em dias, como acontece com a política. Prefiro grandes ideias e conceitos que demoram a passar. Há pouco estava a ver um espectáculo que escrevi no ano 2000 e ainda agora dá para fazer. O que me interessa é a forma como reagimos uns com os outros perante as situações.

Ri-se de quê?

Rio de quase tudo, sobretudo de coisas parvas. Sou uma pessoa muito positiva e tento encarar as coisas de forma positiva.

Que histórias gosta mais de contar?

As minhas preferidas são as do meu pai e vividas com o meu pai. Porque é outra geração, ou-

“Rio de quase tudo, sobretudo de coisas parvas”

tra cultura e tem outras vivências. As histórias passadas com a Orquestra Pitagórica, na faculdade, são também das que mais gos-

O seu pai não fica chateado por desvendar essas histórias?

O meu pai já sabe que sempre que acontece algo, vai acabar num espectáculo. É só uma questão de tempo. Tudo o que me acontece, mais cedo ou mais tarde, acaba por fazer parte de um espectáculo. E o meu pai dá imensas ideias para piadas nos espectáculos!

As histórias acontecem mesmo como conta, ou acrescenta alguma coisa?

Claro que acrescento. A maneira como vivo a vida e o que faço faz com que esteja apto a saber contar as histórias de uma forma mais cativante.

Tem alguma preferida?

São muitas. Não queria revelar algumas que fazem parte do espectáculo... e porque também são mais visuais. É diferente ser eu a contar do que as pessoas a lerem-nas. Mas, por exemplo, há pouco tempo, estava no aeroporto de Gatwick, em Inglaterra, à espera de um voo de ligação. Entrei com o gorro do Batman, com que ando sempre agora, e um polícia gabou-mo. Quando lhe disse que era do Batman ele riu-se muito. Começámos a falar e ele perguntou: “O que é o que o senhor faz?” Respondi: “Sou artista.” E ele: “Nós vamos ter aqui uma festa. O que é que faz por 300 libras?” Eu disse: “Ena pá, por 300 libras não faço grande coisa.” Os polícias começaram a rir-se muito e foi assim que consegui passar o tempo à espera do avião.

Sofre com as esperas nos aeroportos?

Muito, mas já estou habituado. Passo a vida em

salas de espera de aeroportos. Uma vez, estava nos Estados Unidos e o avião em que era suposto vir apanhou com um raio. Eu fiquei lá sentado, a ouvir música, e perguntaram-me: “Como é que consegue estar aí todo bem-disposto?” “Então o que quer que faça?” – disse. A minha vida é isto, já estou habituado e tenho é de pensar de forma positiva. Não adianta nada chatear-me.

O que gosta de fazer nos tempos livres?

Gosto muito de estar em casa. Gosto de ouvir música e ver séries em DVD. Não suporto a publicidade. E compro tudo originais. Não que tenha algo contra a pirataria, mas por um motivo muito simples: é a única maneira de eu dizer “façam mais, não parem. Façam mais que eu estou aqui para consumir”.

Que séries vê?

Muitas. *A Vedeta, Dr. House, Stargate, Dexter,*

Já Tenho Idade para Ter Juízo

“O que é ter juízo?” É a pergunta que serve de ponto de partida para este espectáculo de *stand-up comedy* de Pedro Tochas. “A não perder para quem gosta de rir com as pequenas coisas da vida”, é a frase que serve de convite para o espectáculo que vai estar em digressão até ao fim de Novembro. A estreia mundial de *Já Tenho Idade para Ter Juízo* ocorreu em Abril e a partida para esta digressão foi dada no Porto, no Teatro do Campo Alegre, no princípio de Outubro. Ainda pode vê-lo em Leiria (6 de Novembro), Portalegre (7 de Novembro), Braga (15 de Novembro), Torres Novas (21 de Novembro), Lagoa (22 de Novembro) e Ílhavo (29 de Novembro).

Boston Legal, Mentis Criminosas e muitas mais.

Que tipo de música ouve?

Tudo! Música para curtir, que pode ser desde *heavy metal* até uma banda sonora, e ouço muitas músicas que escolho para os espectáculos.

E cinema?

Gosto muito. Agora temos (eu e a Raquel) ido pouco, porque temos um cãozinho pequeno que precisa de mais atenção. Há quem tenha filhos, nós temos um cão. Chama-se *Pipoca* e é o melhor cão do mundo. Os outros cães até dizem isso com inveja "o *Pipoca* é o melhor cão do mundo" (*risos*).

Um dia destes vamos ouvir histórias do *Pipoca* nos espectáculos?

Certamente que sim. É apenas uma questão de tempo.

O *Palhaço Escultor* ganhou o mês passado mais um prémio num festival na Alemanha. Quantos prémios já recebeu ao todo?

Tenho de contar.... já foi premiado na Noruega, Irlanda, Canadá, Austrália e agora Alemanha. Cinco prémios. Se calhar isso até faz de mim o humorista português mais premiado no estrangeiro actualmente (*risos*).

Qual é o conceito?

Este espectáculo foi concebido para ser apresentado no mundo inteiro, para eu realizar o meu sonho: andar de mochila às costas pelo mundo a fazer teatro de rua.

Diz que os espectáculos de rua são mais mágicos.

Sim. O que mais me agrada quando faço teatro de rua é que as pessoas não sabem quem eu sou, não me reconhecem da publicidade das águas e o que vêem é simplesmente aquilo que estou a fazer. E agrada-me o carinho com que as pessoas me vêm felicitar por *O Palhaço Escultor*. É um momento mágico e cria-se um mundo à parte com o espectáculo.

É um espectáculo que já correu mundo, por isso deve ter muitas histórias.

Há uma situação em Portugal em que o palhaço pede um beijo e houve uma senhora que me disse "mas eu sou casada". Já no estrangeiro aconteceu ser apanhado desprevenido e uma senhora deu-me mesmo um beijo na boca.

Houve um espectador que lhe agradeceu por lhe ter alegrado o dia...

Há momentos que guardamos, que nos dão alento. Outro senhor, em Edimburgo, veio

perguntar-me quando é que eu actuava. Disse que me via todos os anos no festival, mas que ia ter de sair antes do fim e deu-me logo cinco libras. Os meus amigos até gozam a dizer que sou o único artista de rua que recebe antes de actuar. Outro senhor disse que ia ao festival há 20 anos e que tinha sido o melhor espectáculo que já tinha visto... Eu até fico sem palavras. São estas pequenas coisas que contam muito. Também ocorreu outra situação, na Nova Zelândia, em que um miúdo de cinco anos veio ter comigo para me dizer que eu era um palhaço *cool*. Eu gostei (*risos*).

E em Portugal?

Uma vez, uma senhora estava com a neta e veio agradecer-me pelo espectáculo e deu-me mil escudos. Disse-me: "Obrigada. Mostrou que não são precisas coisas complicadas para

nos fazer rir." Depois disso, lembro-me de ir no carro com um amigo e de lhe dizer que era por isso mesmo que eu queria fazer disto a minha vida.

Já pensou em escrever um livro com as aventuras que vive nas viagens?

Nem por isso. Eu gosto de actuar e estar ao vivo com o meu público. Gosto de ver reacções, brincar e

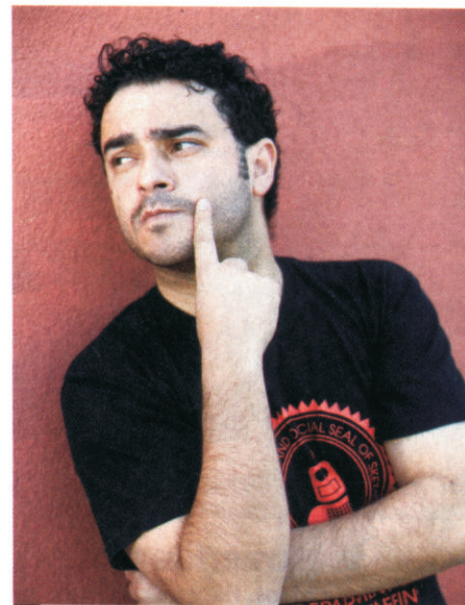
interagir. O facto de escrever um livro e não ver a reacção das pessoas não resulta. Pelo menos neste momento da minha vida. Não quer dizer que não o venha a fazer no futuro.

O que traz de novo *Já Tenho Idade para Ter Juízo*?

O projecto desta digressão surgiu com um desafio de um amigo. Cheguei da Austrália e queria fazer um megaespectáculo, mas não surgiam ideias. Então ele desafiou-me a motivar o meu público, a propósito das palestras que faço para empresas. Sei que numa sala cheia de pessoas se conseguir incentivar alguém, ou pelo menos deixá-las a pensar no que disse, já é bom. Mas espero transmitir o lado positivo e divertido. Sei que não vou mudar o País, que tem o culto da tristeza, mas vou tentar. Este é um espectáculo mais positivo.

E quando tiver juízo? O que vai acontecer aí?

Vou fazer isto até me dar gozo. Nunca se pergunta a outra profissão até quando se vai trabalhar, como a um pedreiro ou um mineiro, e o desgaste deles até é maior do que o meu no emprego.■



Palestra de motivação

Como começou com as palestras de motivação?

A empresa farmacêutica Jaba ia lançar um produto novo e queria que os comerciais não tivessem receio de promovê-lo. Eles sabiam que eu era uma pessoa que não tinha medo de arriscar e que tinha seguido um sonho. E queriam que eu transmitisse isso nas palestras.

De que fala nessas palestras?

De como arrisquei na vida, o "pensar fora da caixa" (*think out of the box*) e ter uma visão internacional. E sobretudo pensar e encarar as coisas de forma positiva. As empresas têm muito interesse nesse tipo de abordagem. No fundo, sou apenas coerente com o que sou. A minha atitude perante a vida conta muito.

Com que empresas colabora?

Microsoft, HP, Olympus, Ernst & Young, Sonae, empresas de telecomunicações. O eng. Belmiro de Azevedo foi a razão pela qual andei a estudar Engenharia Química e é um privilégio fazer uma palestra com ele.

O que quer dizer com a frase "Ser sisudo não é sinal de competência, é só sinal que se é sisudo"?

É uma boa frase, não é? Isso pode cortar a comunicação dentro das empresas. Eu ajudo a motivar e a pensar além. Está provado que o bom humor ajuda na produtividade. Aliás, foi feito um estudo que prova cientificamente que estas palestras resultam. O psicólogo Marbino Resende, no seu trabalho de doutoramento, provou isso mesmo com estudos antes e depois das minhas palestras.